

## {EDITORIAL}

REVISTA ARTE 21 (2025.1) Edição comemorativa 1

### MEMÓRIA, CULTURA E IDENTIDADE: TRILHAS ENTRE PASSADO E FUTURO

Ao completar 100 anos de existência, o Centro Universitário Belas Artes de São Paulo não apenas celebra seu legado, mas reafirma seu papel como tecelão de narrativas que unem memória coletiva, expressão cultural e construção identitária. Esta edição comemorativa da Revista Arte 21 se organiza como uma constelação de vozes - artistas, pesquisadores e pensadores - que iluminam as múltiplas formas como a arte arquiva, questiona e reinventa o Brasil.

A capa desta edição homenageia Elenir de Oliveira Teixeira, ex-aluna das Belas Artes durante os anos 1960, cuja obra transforma o sertão de Os Sertões em palimpsesto visual. Suas xilogravuras e pinturas a óleo (1970-1976) não ilustram Euclides da Cunha - elas reencenam a tragédia e a resistência sertanejas através de cores quentes que sangram luto e revolta. Seu trabalho dialoga diretamente com a Pensata de Verônica Spnela (Belas Artes de São Paulo), que reflete sobre como materiais - tinta, tecido, cerâmica - carregam memórias técnicas e afetivas. Juntas, essas artistas nos lembram: a materialidade da arte é também um corpo de conhecimento.

Dois artigos ampliam essa reflexão sobre técnica e memória. Regina Barbosa Ramos, da Universidade Mackenzie, analisa como o remendo visível em têxteis latino-americanos (como as arpilleras chilenas) é escrita política feminina, onde pontos frágeis viram marcas de resistência. Fabiana Parra De Lazzari, da Faculdade de Belas Artes de Lisboa, mostra o Samba de Roda baiano renascendo em animações e filmes - prova de que tradição não é museu, mas prática em movimento. Esses trabalhos ecoam na Entrevista com Percival Lafer, realizada por Tammy Levy e Aline Nassaralla (Mackenzie), cuja trajetória em design revela como preservar é também inovar. Suas palavras ressoam no Ensaio de Marcelo de Andrade Roméro, do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, que traça paralelos entre o crescimento da Belas Artes e a verticalização de São Paulo - dois processos que moldaram identidades urbanas.

A arte como ferramenta de deslocamento aparece em três abordagens distintas. Juliana Linhares, no artigo de Valterlei Borges (Universidade Federal Fluminense), desmonta estereótipos do Nordeste, criando um "Nordeste ficção" que migra do sertão para o Rio de Janeiro. Cindy Sherman, em Thiago Lethi (Universidade Estadual do Rio de Janeiro), desafia noções fixas de self na era digital, onde máscaras identitárias são tantas quantos os cliques. As mulheres que esperam nos k-dramas, estudadas por Marcia Luisa Gonçalves (PUC do RS), transformam a pausa em ato político, recusando a lógica acelerada do capitalismo.

Diogo Azoubel, da Universidade Federal do Acre, propõe o fotojornalismo como "imagem-acontecimento" - conceito que poderia descrever as próprias obras de Elenir Teixeira. Ambos mostram que registrar é interferir: a fotografia de conflitos e as xilogravuras euclidianas não documentam, mas interpelam o espectador.

Este centenário não é um marco estático. Como revela Marcelo Roméro, a Belas Artes cresceu com e contra São Paulo, sendo ao mesmo tempo espelho e motor de transformações. Seu legado nos ensina que memória é combustível para futuros radicais (não saudosismo); cultura é campo de batalha (não cartão-postal); identidade é verbo (não substantivo).

Que estas páginas inspirem novas gerações a costurar tempos, como faz Elenir em suas gravuras, as bordadeiras nas arpilleras, ou Juliana Linhares em suas canções. Afinal, como escreveu Mário de Andrade - cuja sombra paira sobre esta instituição -, "o passado é lição para se meditar, não para reproduzir".

**Que venham os próximos 100 anos!**

Elisabeth Cristina do Amaral Ecker  
*Editora*